

# COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 4

## Parte Litteraria

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

PAGINA QUARTA

### Lagrimas

À J. M. Chaves.

Ah! null'altro che pianto al mondo dura.

(PETRARCHA.)

Quantas vezes na effervescencia do infortunio, na proeminentia da desgraça, que nos macera e acabrunha, não procuramos um lenitivo á nossos soffrimentos e um como allivio ás torturas moraes, que ferindo deixão nos como prostados no sóido de um mundo capcioso? e quantas eventualidades operão-se tão medonhas como as rajadas furiosas do septentrião tombando por entre as quebradas das montanhas, e perpassando rapido e destruidor por entre os frageis arvoredos, que matissão o valle? As vezes o mundo transforma-se em uma comedia; então o riso de envolta com a galhofa dansa no scenario do socialismo, menoscaba-se as angustias da viuva, despresa-se o pranto do orphão, e em epimaniás dissolutas por entre o tenir dos copos e os evohés dissonos, ouve-se a gargalhada estriante do vicio enrolando-se nas faxas purpuréas do patronato,

então para corroborar os archotes d'essas tendencias cultas na industria e mercancia de cogitações e actos malevolos, surgem no horizonte da sociabilidade uma como especie de democritismo, e a sociedade, arrancada do Eden, onde fruia o bem, é atirada no abysmo, onde alambusada pela baba do vicio e ipregnada pelo basejo venenoso das dissidencias, labuta no embryão de sua queda; vezes ha porém que o mundo é uma tragedia, e então o espectaculo é, como diz o poeta de Mantua, *miserabile visu*: os ramos d'um mesmo tronco; disseminados pela innocencia de Abel e o crime de Caim; tornados alliados pelos dictames do Sinai, adversos pela concupiscencia, tornados irmãos pelo sacrificio do Golgotha e inimigos pelos peccados e paixões; batem-se em pugnas diferentes: são guerrilhas que calcão aqui os altares, são homens que ali superão a honra e o que são estes que bebem a philosophia horrivel da philaucia nas afflicções de familias inteiras?

A comedia e a tragedia são simulacros representativos do que o mundo é e quaes são suas tendencias; vê-se a ignorancia banqueteando, o vicio lobrigando com olhos d'Argos os incautos para devorá-los em voraz gastronomia, e na entanto porque razão esse estropiado ancião, depresado ás vistas da sociedade como um navio inutilizado aos embates do oceano, essa mulher coberta de crepe, essa donsella de desentrançadas madeixas, e

## Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

II

O actor

(Continuação do numero antecedente)

Apenas a noute estendeo o seu manto, Barclay encarregou uma divisão da defesa da praça, e passou o rio com o resto das tropas, e em quanto elle tal fazia e os mineiros francezes trabalhavão e o fogo comeava atilado; o *expectador* resolvido a tornar-se *actor*, desceu a planicie, começou a adejar como corvo sobre esses corpos inanimados, prevendo uma boa colheita. Começou a esgravatar esse chão humido de neve e sangue, e a visitar frequentemente as fardas d'aquelles, que jasião no solo. Elle era uma especie de Thenardier, achava-se neste divertimento, quando de突to um clarão luminoso expandio no espaço: erão os Russos largando fogo á cidade e destruindo a ponte, poz-se a correr carregado de anneis, relogios, notas e mesmo papeis; quando de repente tropeçou em um cadaver e cahiu. Ergue-se assustado, lança em redor de se vistas assustadoras e viu o exercito francez entrando em Smolensk, e que estava junto á um cadaver ainda intacto.

Era um homem de cincoenta annos, alto com a brilhante farda de marechal, e com o peito coberto de condecorações, o rosto e o hombro direito partido por uma bala de canhão; então arrancou-lhe as dragnas, a cruz da Legião, as condecorações, abriu a farda e encontrando uma bolsa, relogio e uns papeis, metteu-os no capote com precipitação e poz-se a correr para o outeiro como a ave nocturna, que procura o ninho, quando o sol disponta no horizonte.

III

### A physionomia tambem engana.

As tropas francezes extinguíao o incendio que lavrava com alguma intensidade, porque na phrase de Routousoff a intensidade é principio consequente do fogo, e o imperador tratou de preparar o seu exercito para no seguinte dia perseguir o inimigo, que fugia tomado de panico terror; e era pouco mais ou meno duas horas, quando dous dos seus marechaes, que conversavão á porta entre uns cinco officiaes superiores forão interrompidos por um estrangeiro.

Os dous marechaes erão:

Alexandre Berthier, nascido em 1753, bateu-se na America como voluntario ás ordens de La Fayette, como general de divisão na Italia em 1796, onde ligou-se estreitamente com Bonaparte. Encarregado do exercito da Italia, apoderou-se de Roma, expelli o Papa e proclamou a república. Acompanhou Bonaparte no Egypto, que, feito primeiro consul nomeou-o ministro da guerra. Nas campanhas de Iena, Marengo e Austerlitz serviu como Major-General, em 1806 foi feito principe de Neufchatel dous annos depois de ter recebido o marechalado, mais tarde foi principe de Vagram, era leal e activo, porém um d'aquelles que a idade e a passividade recrutavão para as suas fileiras, tinha apenas 59 annos; porém estava coberto de distincções, titulos e honras e só lhe faltava o repouso, e na occasião em que essa historia começa elle era morto precipitando-se de uma janella em Bamberg em um momento de alienação: taes são os homens, e durante tantos annos foi o exemplo da actividade e bravura, e quando julgou-se em ocio e sociego; eis que morre violentamente em um d'esses cataclysmas; porque passa a razão humana.

O segundo era Caulincourt, nascido em 1777 na Picardia, tomou parte em todas as campanhas da republica, nomeado grande escudeiro, general de divisão, e em 1808 embaixador na Russia, e duque de Vicência; era este quem mais tarde deveria tornar-se o negociador entre o imperio e o reino, entre o imperador e os aliados restauradores dos Bourbons.

(Continúa)

esse menino de rosto angelico, oppressos em lethargia horribel, deixão correr pelo rosto esses dous rios de lagrimas?

Se a religião não fosse mãe, se Chateaubriand não tivesse afirmado no *Genio do Christianismo*, que as lagrimas erão em uma urna apresentados ao Eterno pela religião, se o christianismo não fosse o arrebol do pacto entre a contingencia e o absoluto; as lagrimas serião um allivio; porém um allivio vilipendiado pelos sardonicos risos do mundo, e de que serve essa philantropia social, quando torna-se mais que uma ostentação e tanto como um vocabulo, cuja expressão perde-se no rumorejar do egoísmo, o ancião chora; porque a philosophia do pranto é a philosophia sacro-sancta do que existe de mais bello e sublime, comparai Magdalena aos pés de Christo regando-os com as lagrimas da contrição, e perguntai á *philosophalhada* dos séculos passados, á *encyclopedica ignorancia dos decuriados voltaírianos*, se elles possuem um painel ou um facto que tenha, tanto merito, tanto esplendor, como este que, a religião apresenta, simplice e magestosa; interrogai á Saint-Simon, á Fourrier, á Owen e á todos esses socialistas, igualitarios, humanitarios e communistas, se nos seus kadeskopios sáfaros subs'ste algum obumbrante facto que possa-se confrontar com a religião inclyta do pranto? Interrogai; porque elles calar-se hão como oppressos pela força da verdade e seus sophismas quebrar-se hão como impotentes vagas do oceano nas fraldas dos rochedos.

Adão depois de peccar, Caim apoz o fratricidio, David nos transes do seu reinado, Annibal vendo derrocado o edificio de Carthago nas plagas de Zamo, Ossian, passeando cego pelas galerias dos paços de Morven, tropeçando nos arneses de seus paes e nos dourados elmos de seus antepassados, Tasso entre os doudos, Camões, em contemplando o cadaver de Nathercia, Portugal em Alcacer-Quibir e França em Waterlôo, em sim mil outros, quando o infortunio ferio-os no ámago de sua alma; como o naufrago, em horrida procella e destruido seu baixel, que lança mão da fragil taboa, elles volvião ás lagrimas; porque estas recolhidas na urna são apresentadas ao Eterno como degráos pelos quaes passa o fragil ente preparando a sua perfectibilidade, e menoscabando-se as gritas confusas de um materialismo, ouvindo-se o chafurdar das rãs de impura mescla, o tenir do metal, que douleja os homens; o homem, que comprehende a religião; respeita, como Socrates, os dictames do Eterno, e, como Heraclito, chora sobre os tropheos da miserabilidade social; porque vê n'elles o nada e o zero de sua pulverisada prepotencia.

Vejamos o que nos diz um de nossos poetas sobre igual assumpto:

Que mil ideas nos traz á mente  
Uma lagrima as faces percorrendo  
Do misero mortal?  
Quantas commoções d'alma não lembrão  
Se sobre lindo rosto juvenil,  
Ou sobre varonil esta se escôa?  
Foi Deos, sim; foi Deus quem concedeu-nos  
Essa muda eloquencia, que mais falla  
Que mil diversos sons articulados,  
O homem co'a palavra manifesta  
As varias sensações que n'alma sente;  
Co'as lagrimas porém obriga, força

A outrem partilhar o que exprimênta.  
Que ferrêo coração resistir pode  
A' santa compaixão pura e subida,  
Se sobre um rosto afflito triste pranto  
A deslisar percebe?

E sempre entre mil prantos nossa vida,  
Entre lagrimas sempre discorremos.  
Apenas terna mái entre gemidos  
O tenro feto exhala, este ululan' o  
De lagrimas alaga os brandos olhos.  
Entrevê da vida os longos annos  
De desgraças cercado, e de tropeços.

Cresce o homein, com elle as paixões crescem  
Se excessiva alegria o peito lhe enche  
Doces lagrimas os olhos lhe abrilihanta  
Se a colera, se a dor porém lhe opprime  
O carrancudo rosto, e da vingança  
Se se atéa em sua alma a viva chamma,  
Uma lagrima que sulca o rosto meigo  
As venturas nos traz da Eternidade.

As lagrimas perdurão altravez dos séculos: são como as insignias da fracção social, que tem, como regalias, a regalia do poléa entre os Indios, e que tem, como amigos, a amizade que os Africanos têm ao Dahomio — são as vestes dos que soffrem; ellas perdurão; porque trazem o cunho inextinguivel da Justiça Divina; — são como astros predestinados á — patenteiar á humanidade os soffrimentos da humanidade — são como échos que vão morrer nos ouvidos dos homens e que lhe vão fallar á consciencia — e se o democritismo entrincheira-se sob os baluartes fortes — o heraclitismo subsiste nos corações dos justos e assim como o riso provoca a colera da Divindade, as lagrimas são como chaves que nos abrem ás portas da Jerusalém Celeste.

Felizes os que chorão, disse o Divino Mestre; porque elles serão consolados.

*Major.*

## \* Parte Poetica \*

### Ao poeta José Alexandre Teixeira de Mello

Já que não posso te-igualar, poeta,  
Seja-me dado te-beijar as plantas,  
Ver essa fronte que guardava ha muito  
Quebros tão virgens, harmonias tantas.

Teus hymnos tão puros, caientes, sonoros  
Partirão do ceo:  
— São nuvens que passão chovendo harmonias,  
— Suspiros de virgens lembrando alegrias  
Occulta em seu veo.

Teus cantos, poeta, são sombras e sonhos  
Que irão ao porvir,  
Mais cheios de vida, de luz, de belleza  
Qae os risos da lua, vencendo a pureza  
Das per'las de Ophir.

Estancias aonde fulgurão esp'râncias  
Que a mente perdeu;  
Crepusc'los fugazes que o vate scismando  
Contempla da terra, na qual, soluçando,  
Poeta nasceu.

As flores que murchas chamaste n'um sonho,  
Abrir-se inda vão.

E nos días futuros, luar de outono  
Talvez te illumine sentado no throno  
Dos genios... então?...

Então alem tumulo mil carmes queixozos  
Serão teus tropheos;  
E quando na terra findar-te a viagem,  
Quem ha de esquecer-te, se a tua romagem  
Foi toda dos céos?...

Teus hymnos são luzes, são chamas brilhantes  
De um puro arrebol,  
São threnos tão novos, tão virgens, insontes,  
Que honrão aos povos que tem suas frontes  
Crestadas do sol.

Sonhaste e não pôdes jámais, tu o sabes,  
No olvido dormir;  
Teus cantos, poeta, são — sombras e sonhos  
Que, puros, cadentes, sentidos, risonhos,  
Irão ao porvir.

Porque te perpassão no crâneo descrente  
Archotes sem luz?...  
Agora nasceste, que vale o sarcasmo  
Nos risos, nas fallas? Porque o marasmo  
Que assim te seduz?...

Eu sei que este mundo, mil vezes, em troca  
De gota de mel,  
Zombando, sorrindo, nos dá n'esta vida,  
Que ao sopro dos nortes caminha pendida,  
Um lago de fel.

É sinos dos homens, fatal e eterna,  
A deves sofrer;  
Não falles na morte qual outro Azevedo,  
Não queiras, mancebo, morrer já tão cedo,  
— Lutar é viver.

Teus hymnos são doces, são ternos concertos  
De lyra infantil,  
Inda hontem vibrados, apenas tangidos  
Echoão nas brisas, já são repetidos  
Por todo o Brasil.

Na — noite de maio — tiveste um instante  
Bem digno de um rei,  
E após em vigilia, que noite passaste!...  
Assim pavorosa qual tu a creaste,  
Eu mesmo não sei.

Visão que n'um dia teu sonno illumina,  
Arteira mentiu,  
E disse ao poeta; — mentira a historia,  
— Um nome sem echo, perdido, é a gloria —,  
E o vate sorriu.

Mais fé e mais crença! — Perdão para os homens,  
Perdão á mulher:  
— Esquece do mundo tão loucos delirios,  
— Não lembres dos genios os longos martirios,  
— Esquece Gilbert.

Da luta sublime que empenhas agora  
Não deves fugir;  
Teu metro, teu canto, tem tanta doçura,  
Que fazem um triste, beijando a ventura,  
Viver e sorrir.

Teus hymnos, mil vezes, são langues, são tristes,  
— Pareces penar  
— Confrangem as almas, quaeas trias lufadas

— Dos ventos que molhão, nas noites geladas,  
As brizas do mar.

Mas deixa esse tedio que a mente sepulta  
Em sonhos fataes!  
A lua contempla, lhe offrece teus hymnos  
Teus dhulios accentos, eolicos, divinos,  
Que não tem rivaes.

Ao sol, ás estrellas, á lua, teus carmes!  
Não olhes o pó:  
E o sol, as estrellas dirão que bem podes,  
Assim inspirado creando taes odes.  
Saudal-os tu só.

« Mancebo sem nome sonhando sosinho »  
Jámais o serás;  
— Que o mundo, poeta, contente de ti,  
— Que a virgem esquia qual um colibri,  
Rendidos verás.

Teus hymnos tão puros, cadentes sonoros  
Colherão tropheos:  
São sombras e sonhos que nunca esquecidos,  
Além, no futuro, serão repetidos  
Na terra, nos céos!

Dr. Anastacio Lucio do Bomsucceso.

## Adeus!

— « Adeus! adeus » — murmurei fitando-te  
Com alma oppressa de tristeza e dor!

— « Adeus! » dissesse; e me apertaste trémula  
A mão que em febre te estendi d'amor!

Trajavas preto n'esse dia, e pallida  
Inda te vejo, apparição do céo!  
Erão-te adorno resplgentes pérolas  
No braço eburneo e sob o casto véo!

Foi curta e breve a despedida subita...  
Longa a saudade que a pungir ficou!  
Como esquecer-me d'esse instante rapido  
Que entre suspiros a fugir passou?

A meiga face reclinaste candida  
Quasi abatida, na formosa mão!  
Luz ineffável de teus olhos vividos  
Senti banhar-me em gozo o coração!

Assim ficaste — em quanto despedindo-me  
Inda te disse um demorado « Adeus! »  
E sem fallar-me, respondete languida,  
Saudosa, os olhos levantando aos céos!

Parti, deixei-te. Na folhagem trémula  
Ouvi teu nome o vento suspirar..  
E a cada passo que avançava, extatico  
Cuidava ver-te... ao longe te escutar...

Oh! que era engano! No meu rosto livido  
Cava bem fundo da saudade a dor,  
Até que finde do desterro a súpplica  
Que ao céo levanto pelo nosso amor!...

AUGUSTO — EMILIO ZALUAR.

## Pensa e procede.

A' Virginio Martins de Carvalho.

Pensei quando te dei de amores flores  
Que de tu'alma a palma obteria.  
É sofrer o prazer, descrença a crença...  
Meu Deus! quanto senti por ti, Maria!

Do paraíso um riso, achavas, davas  
A quem no peito um leito te sagrou;  
Mas hoje, foge, vai-se, esvai-se o sonho  
Tão lindo, infindo que a paixão matou!

Desperto, e perto, nevoeiro intíero,  
Ao pobre encobre festival porvir!  
D'outr'ora, agora, o desespero austero  
Renovo, provo, n'um cruel sentir!

A fada amada, de cabellos bellos,  
Morena, amena, no gentil fallar,  
Jura, perjura, vai mentindo, rindo,  
Dando, tirando, trahiçoeiro amar!

Repara, pára! Vais caminho azinho!  
Cede, concede a paz ao teu viver!  
Ai! tanto encanto, dá contento, aumento,  
A calma d'alma que não faz sofrer!

Vive e revive nos teus passos lassos!  
Mas olha, antolha-se a mortalha fria!  
Então, perdão, irás, contracta, afflcta,  
Dos males teus a Deus pedir, Maria!

Virge' a vertigem de um tormento lento,  
Retira, atira a virginidade ao chão!  
Pensa na crença que a menina ensina,  
O anjo, archanjo, maternal condão.

Ainda és linda! Tão criança, lança  
A vista á lista das perdidas Lais!  
Nos factos gratos da materna, eterna  
Rude virtude uma lição terás.

L. Felix.

## Sorrisos e Lagrimas.

FRAGMENTO

Les fleurs de la vie ne sont  
que des fantômes.

GOETHE.

Mulher ingrata que no peito ardente  
Lançaste a chamma de um amor sem véo:  
Tão puro e casto como a fé do crente;  
Sublime e bello como o azul do Céo...

Mais a tarde a crença revelou sorrindo  
Segredos d'alma que a morrer senti;  
Erão delirios n'um sofrer infindo,  
Erão lampejos d'esse amor por ti.

Perdi a crença d'esse amor tão santo...  
Na orgia impura do descer fatal  
E o meu riso orvalhad'em pranto  
Busca na morte um sofrer final.

Passão as turbas e murmurão rindo  
Do pobre vate, do seu triste amor  
E ella, ai Deus! sem pensar sorrindo  
De tantas magoas, de pungente dôr.

Mulher ingrata que no peito ardente  
Lançaste a chamma de um amor fatal,  
Não mais tortures o meu peito crente  
Findando a morte meu sofrer final.

Ribeiro Junior.

## Desconsolo.

Passou-me a bella quadra dos perfumes  
Que enche de amor a louca mocidade,  
Como passa voloz a brisa feiticera  
Ou como fusil de raio em tempestade.

E brio de encanto ás illusões vendido  
Julgou a vida — eterna Primavéra  
Sem pensar nas flores que murchavão  
Nem que havião tumulos na terra!

As estrellas do Céo erão meus brincos,  
Meus feitiços, meus sonhos de crença;  
Erão as vagas do mar os meus folguedos,  
Não tinha senão risos na lembrança!

Dormia á somno solto e tinha sonho,  
Que gera amor na grata adolescencia;  
Vogava sem temor em mar de assagos  
Zombando das procellas da existencia.

Novo aspecto tomára estes enlevos  
Que outr'ora me prendera em seduções;  
Sou hoje como a luz de um sol nublado  
Em Céo ameaçado de tufoes...

Os horizontes claros e os lampejos  
De meus nitidos fulgores — se turvarão!.....  
Tudo descora em torno de meus dias  
So do tedio as heranças me ficarão.....

Dr. Hemetherio Augusto da Silva.

## DECIFRAÇÃO DAS CHARADAS.

- 1<sup>a</sup> Manocodiata,
- 2<sup>a</sup> Araruta,
- 3<sup>a</sup> Cosmo.

O *Cosmo Litterario* sahirá todos os domigos, e o preço das assignaturas é o seguinte: Anno 8\$ Semestre 4\$ e Trimestre 2\$.

Typ. de C. A. de Mello, rua do Sabão n. 130.